



FACULDADE BORGES DE MENDONÇA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO/CIÊNCIAS CONTÁBEIS

**ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE
POSITION PAPER (OU ARTIGO DE OPINIÃO)**

NEDE

FLORIANÓPOLIS
2014

POSITION PAPER (OU ARTIGO DE OPINIÃO)

No universo acadêmico, o pensamento do aluno não pode se restringir apenas a um recorte de citações de autores com propriedade no assunto sobre o qual se discorre. As exigências vão além de um complexo de ideias já salientadas por profissionais da área do conhecimento. O que se espera é a reflexão, cuja se dá a partir do momento em que o aluno é capaz de revelar a sua criticidade, unida ao senso criativo, ou seja, o aluno passa de sujeito leitor/passivo a conhecedor/ativo. A crítica é o elemento fundamental no processo gerador de novos conhecimentos.

Nesse cenário, tem-se como gênero que contempla essa abordagem o Position paper, também conhecido como Artigo de opinião. Geralmente, esse tipo de discurso se encontra em jornais, revistas ou livros. A principal característica do Position paper é a crítica sobre um determinado assunto, fundamentada na argumentação/posicionamento. Por mais que seja um texto que trata de um assunto atual e que vem gerando diversas discussões, esse tipo de texto contempla a criatividade ao se expor as ideias, de forma que se pode, até mesmo, ser irônico em certos momentos da escrita (lembrando que se deve ter o cuidado para não ofender o leitor ou o próprio objeto da crítica – deve-se ser ético, acima de tudo). Na maioria dos Position paper, o título é criativo, já que isso desperta a curiosidade em ler o material, além de mostrar que o autor domina o conteúdo, interagindo com as ideias de uma maneira muito própria.

É importante lembrar que citações são permitidas (sem excesso e com menção à fonte consultada) para auxiliar o acadêmico na construção de sua crítica.

Comprovando essa contextualização, Goldstein (2009, p. 97) diz o seguinte:

o artigo de opinião é, portanto, um gênero que possibilita ao autor expor livremente o seu modo de pensar, o seu ponto de vista sobre uma questão controversa, que se destina a convencer o leitor por meio de uma argumentação sustentada sobre essa posição. Em geral, os títulos desses textos opinativos já anunciam o ponto de vista do autor em relação ao tema ou à questão polêmica em pauta.

A escrita do texto não pode ser em 1ª pessoa (por mais que seja uma opinião pessoal). Deve-se ser impessoal, utilizando a 3ª pessoa do singular.

Eu penso, acredito, vejo, sei...(1ª pessoa do singular). **NÃO PODE.**

Pensa-se, acredita-se, vê-se, sabe-se...(3ª pessoa do singular). **CORRETO.**

IMPORTANTE: o texto deve ter de 2 páginas (mínimo) a 5 (máximo).

A seguir, mostra-se um exemplo dessa modalidade textual, escrita por Gaudêncio Torquato e publicada n' **O Estadão**, na coluna Opinião (15/12/2013).



FACULDADE BORGES DE MENDONÇA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO/CIÊNCIAS CONTÁBEIS

POSITION PAPER
PÃO, CIRCO E VIOLÊNCIA

GAUDÊNCIO TORQUATO
(Este é somente um exemplo)

**FLORIANÓPOLIS
2013**

PÃO, CIRCO E VIOLÊNCIA

1 espaço de 1,5 cm.

TORQUATO, Gaudêncio¹

1 espaço de 1,5 cm.

Vespasiano, o imperador, em 22 de junho de 79 d.C., pouco antes de morrer, em carta ao filho Tito aconselhava-o a concluir a construção do *Colosseum* (Coliseu), que lhe daria "muitas alegrias e infinita memória". Pois, entre um banheiro, um banco de escola ou um estádio, o povo preferia sentar-se nas arquibancadas deste. O conselho fundamentava-se na ideia de que seduzir a plebe com pão e circo era a melhor receita para diminuir a insatisfação popular contra os governantes. Tito acabou inaugurando o famoso anfiteatro, no centro de Roma, com cem dias de festa. Descortinava-se ali a era do *panis et circensis*, que consistia em proporcionar, naquela arena, espetáculos sangrentos entre gladiadores e distribuição gratuita de pão. Implicava alto custo para os cofres do Império, com elevação de impostos e economia destruída, mas a prática populista emprestava enorme prestígio aos imperadores romanos.

É sabido que os jogos, ao longo da História, funcionaram como verniz para lustrar a imagem de governantes. Hoje a estratégia para cooptar a simpatia das populações por meio das artes/artimanhas e do entretenimento continua a receber atenção de administradores públicos de todos os quadrantes. Não por acaso, nossas arenas esportivas, que se preparam para abrigar os jogos da Copa de 2014, deverão colorir o portfólio de feitos do governo.

O que tem mudado na paisagem dos espaços lúdicos não é a ambição dos condutores dos Estados de se alçarem aos píncaros da fama, mas o comportamento das plateias. Espectadores que outrora fruía a catarse dos embates esportivos, exaltando ou deplorando o desempenho de contendores, tornam-se eles próprios competidores, lutadores, gladiadores, disparando uns contra outros não só a arma das imprecações, mas armas de fogo, e partindo para a violência física. A alteração comportamental de quem vai aos estádios é preocupante, principalmente em nosso território, que elege o futebol como esporte nacional e se depara, a cada campeonato, com os novos sujeitos, as chamadas torcidas organizadas. O fenômeno toma vulto ante o risco de o Brasil vir a ser, por excelência, o palco da violência futebolística, pela constatação de que o aparato da segurança pública tem sido ineficaz para debelar a

¹ Doutor em Comunicação (USP), Vice-presidente da Associação Brasileira de Consultores Políticos e Eleitorais e Diretor presidente GT Marketing e Comunicação. **Aqui, vão os dados do aluno, conforme exposto no modelo do artigo científico.**

desordem e a pancadaria nas arquibancadas, a par de medidas paliativas, como cerceamento do acesso de torcedores a estádios, majoração do preço de ingressos, jogos com portões fechados, perda de mando de campo e multas aos clubes.

De pouco adiantará administrar tensões e conflitos sob o escudo policial-repressivo. Como se diz no vulgo, o buraco é mais profundo e está embaixo. A mobilização de pessoas para a formação de grupos e a organização de torcidas obedecem a nova ordem que impregna a dinâmica social no mundo contemporâneo. A competição assume posição singular em todos os setores, espaços, categorias profissionais e classes sociais. As massas fragmentam-se em núcleos, cada qual com seus discursos, bandeiras, uniformes, armas e instrumentos. Os avanços civilizatórios nos campos da macroeconomia, da política e da cultura abrem comportamentos diferentes, multiplicando as pequenas organizações sociais e gerando novos polos de poder.

Os espaços urbanos ganham novos contornos, a esfera do trabalho traz novos desafios e a busca de uma identidade passa a ser central para os indivíduos, principalmente os jovens, motivados a expressar valores como masculinidade, coragem, companheirismo, coesão, solidariedade, sentimento de pertencer a um grupo. Fazer parte de torcidas como Mancha Verde, Gaviões da Fiel, Independente passou a ser referência para habitantes de cidades congestionadas, carentes de serviços e lazer.

Ao escopo semântico - em que se agrupam as agruras sociais - adiciona-se uma estética de diferenciação, caracterizada pelas cores (verde, vermelho e preto, preto e branco, azul, amarelo canarinho), pelos símbolos (gavião, porco, urubu, galo, raposa, coelho, timbu, baleia, leão), pela vestimenta com os dizeres da moda, pelo estilo de andar, de pensar, de perambular em bandos. E fechando o circuito, a espetacularização midiática, por meio da qual os torcedores poderão ver nas telas da TV seus gestos, feições alegres ou crispadas de ódio e ouvir gritos de guerra.

Condenar as turbas com designativos de vândalos, bandidos, selvagens, adensar forças policiais em estádios, continuar a usar meios tradicionais, como punição a clubes, não conseguirão eliminar a violência das torcidas organizadas. Mais cedo ou mais tarde, os atos voltarão. O disciplinamento e a ordem não de levar em conta a elevação de padrões comportamentais, ancorada no esforço de educação (reeducação) de torcedores fanáticos. Não se trata de promover meras ações de marketing cultural - eventos festivos e associativos para alinhamento dos torcedores ao espírito do clube -, mas um amplo programa com o objetivo de compor um ideário voltado para engrandecer o espírito da democracia, com respeito aos

princípios da ordem e da disciplina, que não devem ser incompatíveis com o entusiasmo das torcidas.

É evidente que ante a moldura de extrema competitividade e crescente agressividade entre grupamentos sociais um esforço nessa direção não será tarefa fácil. O que aqui se propõe é uma ação cívica dos clubes de futebol na tentativa de ajudar o Estado brasileiro a melhorar a argamassa do edifício da cidadania. É inimaginável que torcidas se vejam como inimigas tomadas de ódio e virulência; e que o "sarro" tirado por um bandeirinha na direção de um grupo nas arquibancadas, o apito errado de um juiz, um ato menos educado de um policial ou um xingamento de torcedor sejam motivo para pancadaria.

Nem Vespasiano nem Tito imaginariam que, um dia, o dístico *panis et circensis* seria acrescido de *violentia*. Fosse assim, o velho Coliseu não estaria em pé.

REFERÊNCIAS

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **O texto sem mistério**: leitura e escrita na universidade. São Paulo: Ática, 2009.

TORQUATO, Gaudêncio. **Pão, circo e violência**. 2013. Disponível em:
<<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,pao-circo--e-violencia-,1108805,0.htm>>.
Acesso em: 16 dez. 2013.

